



Faculdade de Ciências da Educação – FACE
Professor-Orientador: Amauri Rodrigues da Silva

Pessimismo estético e pessimismo “social”
uma leitura da obra de Cruz e Sousa

Lidiana Cavalcante da Silva
Brasília, dezembro de 2005



Faculdade de Ciências da Educação – FACE
Curso de Letras

Pessimismo estético e pessimismo “social”
uma leitura da obra de Cruz e Sousa

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, tendo como Professor – Orientador Amauri Rodrigues da Silva.

Brasília, dezembro de 2005.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais; ao Cosmo Roberto P. Duarte; ao Professor Amauri Rodrigues da Silva; aos meus avôs e irmãos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo!

Agradeço aos meus pais,

Ao Cosmo Roberto pela força no decorrer do curso e pelas palavras de conforto e ânimo.

Ao professor Amauri pela atenção e dedicação com que orientou-me nesta monografia.

E agradeço a todos que de alguma maneira contribuíram para realização deste trabalho.

EPÍGRAFE

“O que em nós outros Errantes do Sentimento flameja, arde e palpita, é esta ânsia infinita, esta sede santa e inquieta, que não cessa, de encontrarmos um dia uma alma que nos veja com simplicidade e clareza, que nos compreenda, que nos ame, que nos sinta”.

(Cruz e Sousa in: *Emparedado*)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo abordar o pessimismo e suas transformações desde a tragédia grega até nossos dias, entendendo tragédia como forma de manifestação artística de gênero teatral e analisar o pessimismo causado nos indivíduos por acontecimentos sociais que o levam a inaptidão em seu meio.

Na obra de Cruz e Sousa o que se busca demonstrar é a forma como o poeta encarou as contingências sociais e as transformou em arte, mais precisamente em poesia e fez do pessimismo um recurso estético.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Capítulo I - O pessimismo na tragédia Grega.....	11
Capítulo II – O pessimismo Social.....	18
Capítulo III – O pessimismo na obra de Cruz e Sousa.....	26
Conclusão.....	39
Referências Bibliografias	

INTRODUÇÃO

O assunto desenvolvido nesta monografia, *Pessimismo estético e pessimismo “social”*: uma leitura da obra de Cruz e Sousa, à primeira vista pareceu-me complexo e extenso demais – o que não deixa de ser – considerando o estudo do pessimismo desde a tragédia grega até os nossos dias. Quanta ambição a minha! Ousar o estudo de um assunto tão difícil.

O fato de cultivar uma preferência incomum nos dias de hoje, o gosto pela poesia e literatura em geral, contribuiu para buscar a qualquer custo, demonstrar a merecida importância do pessimismo como recurso estético na obra de Cruz e Sousa.

Durante o desenvolvimento do trabalho, tive a oportunidade de ter contato com assuntos que nunca havia estudado antes e isso me trouxe muita curiosidade e a pesquisa foi se tornando à medida que meu interesse foi se aprofundando, quase que inconscientemente.

Ao tomar conhecimento da bibliografia para iniciar o trabalho e após definido o tema confesso que fiquei um pouco “preocupada”, pois tratar de um assunto a qual muitos evitam foi realmente “atrevimento” de minha parte, mas nem por isso a pesquisa deixou de ser gratificante e com propósito e determinação foi concluída.

Para facilitar a exposição das idéias e dos acontecimentos optei pela ordem cronológica, iniciando pela tragédia grega como fórmula artística e assim avançando através dos séculos e como perdeu o seu significado genuíno. Procurei demonstrar a transfiguração do pessimismo em arte e como Cruz e Sousa o utilizou como poesia.

Minha preocupação maior foi encontrar uma forma de não tornar a leitura e a seqüência do trabalho monótona e repetitiva. Por isso procurei mostrar o pessimismo de várias formas desde a Grécia Antiga até hoje. Dessa forma o leitor poderá encontrar no transcorrer da leitura explicações sobre o pessimismo como forma de arte e como algo do caráter do artista que não se restringe a aspectos sociais.

Optei por apresentar uma pequena biografia de Cruz e Sousa apenas por caráter exclusivamente pedagógico, tendo em vista que em muitos casos são repetitivas e somente trazem aspectos sociais esquecendo dos aspectos literários que muito contribuiu para nossa literatura.

O tema escolhido, e que aqui desenvolvi com afinco e disposição não é um tema amplamente discutido, pois é um assunto, como falei anteriormente, que muitos o evitam e talvez tenha sido por isso que o escolhi, pois se perguntarmos a um leitor qualquer – ou até mesmo a alguns estudiosos de literatura – sobre o aspecto da obra de Cruz e Sousa não raramente responderão que o poeta é um pessimista e a resposta pela razão do poeta ser pessimista dificilmente não será outra: era pessimista porque era negro e pobre.

Tais respostas recebidas por mim muitas vezes quando aos meus colegas de graduação questionava foi determinante para a escolha do tema. Infelizmente não há um paradoxo a ser esclarecido ou interpretado, mas creiam houve grande tentativa de minha parte. Espero sinceramente, esclarecer mesmo que seja em parte as dúvidas a respeito deste assunto durante a leitura da monografia.

CAPÍTULO I

O PESSIMISMO NA TRAGÉDIA GREGA

Comumente, na nossa atualidade, o termo “tragédia” tornou-se específico para designar acontecimentos dolorosos, catastróficos, acompanhados de muitas vítimas, ou ainda para descrever o desenlace de uma relação qualquer que redundou de forma trágica.

Para os gregos, entretanto, “tragikós” tinha outro significado. A tragédia definia acima de tudo uma forma artística, ou algo que somente ocorria entre os grandes detentores do poder naquela época. A tragédia grega configura-se como a primeira manifestação estruturada do teatro e encontrou na *Arte Poética*, de Aristóteles, seu primeiro grande registro formal, que, a partir de então, parece ter sido compreendida como uma espécie de “manual da tragédia”. Na visão de Aristóteles, um dos primeiros a estudar sobre o impacto dos espetáculos teatrais, a tragédia é

“Uma imitação de uma ação importante e completa, de certa extensão; num estilo tornado agradável pelo emprego separado de cada uma das suas formas, segundo as partes; ação apresentada, com a ajuda de uma narrativa, mas por atores, e que, suscitando a compaixão e o terror, tem por efeito obter a purgação dessas emoções”.¹

Entende-se a época da tragédia grega como um dos momentos supremos da racionalidade humana um dos poucos instantes em que imperaram as luzes em meio a um mundo de superstição e assustado pelas malignidades sobrenaturais. Assim, segundo Nietzsche,

“O grego conheceu e sentiu os temores e os horrores do existir: para que lhe fosse possível de algum modo viver, teve de colocar ali — no Olimpo — entre ele e a vida, a resplendente criação onírica dos deuses olímpicos”².

¹ Aristóteles. *Arte Poética e Arte Retórica*, página 299.

² Nietzsche. *O nascimento da Tragédia*, página 36.

Portanto, os gregos sentiam que o mundo não tinha qualquer finalidade surgindo neles um determinado pessimismo e acreditavam que sua criação não era atribuída a qualquer deus, e a matéria de que eram feitos sempre existiu e obedecia às leis que lhe eram próprias. Criaram vários mitos para poder passar mensagens para as pessoas e também com o objetivo de preservar a memória histórica de seu povo. Há três mil anos não havia explicações científicas para grande parte dos fenômenos da natureza ou para acontecimentos históricos. Dessa forma, para buscar um significado para os fatos políticos, econômicos e sociais, os gregos criaram uma série de histórias, de origem imaginativa, que eram transmitidas principalmente através da literatura oral. Grande parte destas lendas e mitos chegou até os dias de hoje e são importantes fontes de informações para entendermos a história da civilização grega. Os gregos antigos enxergavam vida – e ao mesmo tempo eram pessimistas – em quase tudo que os cercavam, e buscavam explicações para todos os acontecimentos. A imaginação fértil deste povo criou personagens e figuras mitológicas das mais diversas. Heróis, deuses, ninfas, titãs e centauros habitavam o mundo material, influenciando em suas vidas; bastava ler os sinais da natureza, para imaginar que algo de ruim estava para acontecer. Além disso, os gregos consultavam seus oráculos – por extensão, o termo oráculo designa tanto o deus consultado como o intermediário humano que transmite a resposta, e ainda o lugar sagrado onde a resposta é dada – para saber sobre as coisas que estavam acontecendo e também sobre o futuro; quase sempre buscavam explicações mitológicas para tais fatos. Os gregos preocupavam-se em agradar as divindades, pois esta era uma condição fundamental para atingir bons resultados na vida material. Sendo assim, por temerem serem castigados os gregos submetiam-se a agradar os deuses – um trabalhador do comércio, por exemplo, deveria agradar o deus Hermes para obter êxito em seu trabalho. Ainda de acordo com os gregos, os deuses habitavam o topo do monte Olimpo – principal montanha da Grécia Antiga – e deste local comandavam o trabalho e as relações sociais e políticas dos humanos. Os deuses

possuíam características de seres humanos tais como ciúmes, inveja, traição e violência. Desse modo, como os homens, também eles estavam submetidos aos mesmos ciclos da natureza: nasciam, sofriam e desapareciam quando terminava o ciclo do eterno retorno – os gregos acreditavam que a morte não significava a extinção total e definitiva, havia, portanto, uma crença na vida após a morte. Os deuses eram necessários para esse povo porque legitimavam a existência humana e o pessimismo estava sempre presente, pois os gregos conheciam a dureza da vida, a ponto de levar à desilusão que era vencida pela arte. Nietzsche, em *O Nascimento da Tragédia* questiona a razão pela qual o povo grego teve necessidade de criar uma arte, como a tragédia? E como deve o homem encarar o sofrimento, a crueldade, a dor e o horror que caracterizava os gregos? Para responder a estas questões Nietzsche estuda a origem da tragédia – toda a obra de Nietzsche visa esclarecer e defender a aceitação total e entusiástica da vida – pondo em evidência a sua origem ligada ao culto do deus Dionísio. Ao espírito dionisíaco vincula-se a arte, que se torna para Nietzsche a expressão mais elevada do homem. Assim, reconhece como fundamento da arte a dualidade do espírito apolíneo e do espírito dionisíaco – aquele o deus brilhante da claridade, do dia, que se revela no sol, este, deus da exacerbação dos sentidos, o primeiro dos quais domina a arte plástica, que é harmonia de formas e o segundo a música que é ao invés, destituída de forma por ser embriaguez e exaltação entusiástica. O apolíneo representa a produção de formas, a beleza, fazendo com que a vida se separe do sofrimento – pessimismo. Como foi dito, o espírito apolíneo é o deus do sol, liga-se à arte plástica devido a sua afinidade com a visão, tornando-se o deus da imagem. Ele reina nas belas aparências do mundo da fantasia, pois todo homem produz imagens através do sonho e da realidade. E assim, como o sonho tem um efeito tranquilizante e reparador, o apolíneo se contrapõe à realidade cotidiana. Este é um afirmador da vida, sejam as imagens boas ou não. A experiência apolínea é cúmplice da produção da vida, esta experimentada esteticamente é o mundo superior; assim podemos entender como o “sonho”

pôde livrar o grego do pessimismo, dessa forma Nietzsche esclarece como o onírico torna-se necessário para o grego:

“Acerca desse artista ingênuo, a analogia do sonho quando nos dá alguns ensinamentos. Se imaginarmos o sonhador quando ele, em meio da ilusão do mundo onírico e sem perturbá-la, se põe a clamar: ‘ Isto é um sonho, mas quero continuar sonhando!’, se daí tivermos de concluir que há um profundo prazer interior na contemplação do sonho, se, de outro lado, para podermos sonhar com esse prazer íntimo diante da visão, tivermos de esquecer inteiramente o dia e suas terríveis importunações, poderemos então interpretar todos esses fenômenos, sob direção de Apolo...”³

Já Dionísio, é a afirmação religiosa da vida total, não renegada nem dilacerada. É a exaltação entusiástica do mundo tal como ele é, sem diminuição, sem exceção e sem escolha, exaltação infinita da vida. O espírito dionisíaco é oposto à aceitação resignada da vida, à atitude de quem vê nela a condição negativa destes valores de bondade, de perfeição, de humildade, que são a sua negação. Dionísio é o deus da embriaguez e da alegria, o deus que canta que ri e dança; ele abomina toda a renúncia, toda a tentativa de fuga perante à vida. Isto quer dizer, segundo Nietzsche, que a aceitação integral da vida transforma a dor em alegria, a luta em harmonia, a crueldade em justiça, a destruição em criação. Nietzsche crê que todos os valores fundados na renúncia e na diminuição da vida – pessimismo – todas as chamadas virtudes que tendem a mortificar a energia vital, e a destroçar e a empobrecer a esperança e a vida, degradam o homem e, por conseguinte não são dignas dele.

Foi graças ao espírito dionisíaco, afirma Nietzsche, que o povo grego conseguiu suportar a existência e vencer o pessimismo, sendo a arte o auxílio dos gregos para a aceitação da vida. Assim, o pessimismo foi vencido pela arte, pois a arte foi a maneira pela qual o grego pôde ultrapassar a mudança do cotidiano. Um dos meios para ultrapassar os “obstáculos” do cotidiano é através da experiência apolínea, através do prazer e da eternidade. Sem a produção

³ Nietzsche. *O nascimento da Tragédia*, página 39.

da bela aparência a vida se desqualifica. Em suma, o apolíneo e o dionisíaco são apresentados como saídas estéticas. Nietzsche pensa a vida como devir e este como beleza, assim, pode através do dualismo Apolo/Dionísio ultrapassar a realidade cotidiana.

Como desfecho, podemos recorrer ao seguinte fragmento da obra *O nascimento da Tragédia*:

“A seus dois deuses da arte, Apolo e Dionísio, vincula-se a nossa cognição de que no mundo helênico existe uma enorme contraposição, quanto a origens e objetivos, entre a arte do figurador plástico, a apolínea, e a arte não-figurada da música, a de Dionísio: ambos os impulsos, tão diversos, caminham lado a lado, na maioria das vezes em discórdia aberta e incitando-se mutuamente a produções sempre novas, para perpetuar nelas a luta daquela contraposição sobre a qual a palavra comum “arte” lançava apenas aparentemente a ponte; até que, por fim, através de um miraculoso ato metafísico da “vontade” helênica, apareceram emparelhados um com o outro, e nesse emparelhamento tanto a obra de arte dionisíaca quanto a apolínea geraram a tragédia Ática.”⁴

Dessa maneira podemos perceber a importância do pessimismo em formas artísticas como a tragédia, demonstrando o seu aspecto estético, elemento que se constitui no cerne de discussão que pretendemos estabelecer. Assim, como os gregos criaram a tragédia – como forma de manifestação artística no qual o pessimismo foi transfigurado pela arte e para que pudessem sobreviver perante os aspectos sociais negativos – os simbolistas também se utilizaram da tragédia grega a partir de sua revalorização e aprofundamento da subjetividade, da inspiração e espiritualidade, deixando de lado todo e qualquer aspecto social e material sendo a arte transfigurada em conhecimento. Assim como os gregos enxergavam os elementos racionais acossados pelo assombroso, os simbolistas viam a realidade de uma forma imprecisa e vaga. Também como a tragédia grega há o culto ao sonho, ao desconhecido, à fantasia e à imaginação, numa busca pela essência do ser humano como todos os seus mistérios, seu dualismo – espírito e matéria – e seu destino frente à vida e à morte.

⁴ Nietzsche. *O nascimento da Tragédia*, página 27.

A figura mais importante do Simbolismo Brasileiro foi Cruz e Sousa, que é considerado um dos maiores nomes do Simbolismo Universal. Sem ele, dizem os especialistas, não haveria essa estética no Brasil.

CAPÍTULO II
O PESSIMISMO SOCIAL

Diferentemente do pessimismo estético que é um produto de conhecimento e uma forma de manifestação artística como a tragédia, o pessimismo social que abordaremos no presente capítulo é a revelação da inaptidão do indivíduo para integração no seu meio, seja ele social, familiar ou qualquer outro, sendo o pessimismo sempre um modo de ver pessoal, subjetivo, no qual a percepção de cada indivíduo resulta em determinado número de sucessos na vida social. Sendo assim, na concepção de Schopenhauer o pessimismo é a doutrina metafísica ou moral segundo a qual os aspectos maus ou negativos da existência (vida) superam os aspectos bons ou positivos.

Dessa forma a realidade é vista através de nossos olhos da maneira que melhor nos agrada e podemos concebê-las de uma forma mais otimista ou pessimista, conforme seja nossa tendência pessoal. Se propendermos para o otimismo, vemos o melhor que as coisas têm, acreditando num futuro melhor e assim, acredita o otimista que as dificuldades presentes não impedirão que as forças convertam os problemas em potencialidades auspiciosas, o que justamente se afigura aos olhos do pessimista como uma utopia porque considera as dificuldades como impossíveis de se ultrapassar e com tendência a agravarem-se. Deixando de negar o que de mal acontece, o otimista considera que tudo acaba se transformando para melhor e que a orientação dos acontecimentos redundará ao fim de algo construtivo, embora sejam levadas em conta as dificuldades e erros do presente. Assim, o otimista acredita que para ser capaz de superar as dificuldades e os cansaços próprios da vida, é preciso ver cada meta como algo positivo que podemos e devemos conseguir; por isso nas pessoas otimistas sempre há “alguma coisa” que lhes permite obter satisfação onde os outros não a encontram.

É muito comum ouvir a seguinte frase: “o mundo está cada vez pior”. Trata-se de uma conclusão nitidamente de um pessimista, que acentua a ocorrência dos males ocorridos esquecendo-se das vitórias e conquistas alcançadas até hoje pela civilização. Se a globalização

e os meios de comunicação cada vez mais desenvolvidos, possibilitam um conhecimento generalizado de tudo o que se passa no mundo, ao saber das guerras, corrupções, catástrofes naturais e tantos outros acontecimentos, o pessimista toma a parte pelo todo e conclui que tudo está cada vez pior.

Diz-se que a simples participação do indivíduo na sociedade contemporânea já preenche, por si só, um requisito suficiente para o surgimento de uma determinada ansiedade e, por conseguinte, o surgimento do que podemos chamar de pessimismo social. Portanto, viver ansiosamente passou a ser considerado uma condição do homem moderno ou um destino comum ao qual todos estamos, de alguma maneira, atrelados. Podemos considerar a ansiedade como a mola propulsora do pessimismo o que se manifesta como um sinal de alerta que adverte o ser humano sobre a necessidade de mudar ou adaptar-se a maneira de vida. O indivíduo ansioso não consegue agir e muito menos colocar-se em posição de alerta perante as adversidades e principalmente contra o pessimismo, pois a ansiedade muitas vezes indispensável à vida normal, passou a ser objeto de distúrbios quando o ser humano colocou-se não a serviço de sua sobrevivência, mas a serviço de sua existência. Assim, podemos dizer que o pessimismo passou a ser o representante emocional da ansiedade. Além disso, nas últimas décadas, a expressiva mudança em todos os níveis da sociedade passou a exigir do ser humano uma grande capacidade de adaptação física, mental e principalmente social. Muitas vezes, a grande exigência imposta às pessoas pelas mudanças da vida moderna e, conseqüentemente, a necessidade imperiosa de ajustar-se a tais mudanças acabou por expor as pessoas a uma freqüente situação de conflito, ansiedade, angústia e desestabilização emocional, e assim, mudanças ocorrem em nossas vidas continuamente e tentamos sempre nos adaptarmos a elas. É por isso que o dia-a-dia requer uma contínua improvisação de habilidades que permitirão abrir caminho entre as diversas circunstâncias que nos deparamos tantas vezes ambíguas, imprevisíveis e estressantes. Cada pessoa responde a tais adversidades

com sentimentos distintos, que os levam a uma fuga da realidade ou à constância de pensamentos pessimistas, dependendo da ansiedade que produzam e da sua capacidade para suportar as situações. As pessoas temem – e por isso tentam evitar – aquelas situações que consideram acima das suas capacidades e escolhem aquelas que são mais capazes de manejar e por isso em grande parte das vezes a idéia que temos de nós mesmos – se somos ou não capazes de driblar certas adversidades – condiciona em grande parte as nossas ações. Dessa forma, diferentemente dos pessimistas, os otimistas recuperam-se mais depressa dos fracassos, não se perturbam demasiado pelo fato de que as coisas possam correr mal; pelo contrário, fazem-nas o melhor que podem e produzem a maneira de fazer ainda melhor na vez seguinte. Assim, o sentimento de otimismo está acompanhado por um sentimento de segurança que impulsiona e conduz à ação. Assim sendo, o otimismo é uma atitude que impede a pessoa de cair na apatia, no desespero e tristeza perante aos contratemplos da vida; os otimistas têm tendência a considerar que os seus fracassos se devem a algo que podem mudar, e por isso é mais fácil que na ocasião seguinte lhes saiam melhor as coisas. Em contrapartida, os pessimistas atribuem os seus fracassos a obstáculos que se consideram incapazes de ultrapassar ou modificar. Por exemplo, ante um insucesso os otimistas tendem a responder tais acontecimentos de forma ativa e esperançosa, procurando ajuda e conselho, vendo a boa direção que os fatos podem tomar, procurando remover os obstáculos; os pessimistas pelo contrário, consideram logo esses contratemplos como algo quase irremediável, e reagem pensando que quase nada podem fazer para que as coisas melhorem, e não fazem quase nada para tal fim. Para o pessimista as adversidades se devem quase sempre a alguma deficiência pessoal insuperável ou alguma conspiração egoísta e má dos outros.

Nem sempre os indivíduos se adaptam às mudanças impostas, surgindo daí um pessimismo, mais especificamente o pessimismo social. O pessimismo social surge como consequência direta dos persistentes esforços adaptativos da pessoa à sua situação existencial,

financeira e social. Do ponto de vista social as mudanças cotidianas, em si não são novidades na civilização humana, elas são, na realidade a base da evolução de nossa espécie. O que talvez seja novo ao ser humano e perigoso à sua forma de vida é a velocidade sem precedentes com que essas mudanças e as exigências que elas propiciam, acontecem na vida moderna. Essas mudanças estão em toda parte; mudanças importantes na tecnologia, na ciência, medicina, ambiente de trabalho, nas estruturas organizacionais, nos valores e costumes sociais, na filosofia e mesmo na religião. Há continuamente, uma enorme solicitação de adaptação das pessoas em geral, tanto pra os jovens como para os mais velhos. Assim, devido a essa necessidade de adaptar-se a todas essas exigências acaba surgindo o pessimista social que é uma pessoa que não tem perspectiva de crescimento no trabalho, porque acredita que todos os projetos e planos darão errado; não tem bom relacionamento familiar, pois crê piamente que tudo à sua volta é um engano e que tudo pode acabar a qualquer momento.

Hoje em dia tememos a competitividade, a segurança social, a competência profissional, a sobrevivência econômica, as perspectivas futuras e uma infinidade de ameaças, então o pessimismo social adapta-se à pessoa que se julga não ser capaz de cumprir as exigências da sobrevivência moderna, quando sente que seu papel social está ameaçado.

Além disso, o ritmo frenético da vida moderna talvez tenha exigido demasiadamente do corpo humano e até a possibilidade de adoecer passou a ser uma ameaça em potencial ao sucesso da pessoa. Pesquisas comprovam que o pessimismo prejudica a saúde, sendo assim, os nossos conturbados tempos modernos não têm sido favoráveis ao equilíbrio e ao desenvolvimento pleno e sadio do corpo humano, apesar de todo o progresso da medicina, das conquistas científicas, técnicas e sociais que sempre têm objetivado isso. Além disso, grande parte expressiva das reações para o pessimismo é determinada pelo modo como nossa sociedade está organizada, pela industrialização, pelo consumo e pela concorrência é isso que especifica de alguma maneira os tipos de relações que serão mantidas e as exigências que

deverão ser cumpridas, gerando condições estressantes aos indivíduos e conseqüentemente levando ao pessimismo.

Existem vários fatores que levam ao pessimismo e entre os de maior relevância temos o fracasso, a carga diária de cobranças, a manutenção do *status*, a monotonia, a insatisfação com o trabalho, a pressão para corrida contra o tempo, as ameaças sociais e financeiras, indução do medo através da violência urbana, as situações involuntárias de competição, os trabalhos em condição de perigo e a privação de vida social.

Dessa forma, criamos uma espécie de “filtro” e somente enxergamos aquilo que maior prazer nos proporciona. Assim, nossa capacidade de perceber o mundo individualmente proporciona uma representação pessoal da realidade e tal percepção é diferente em cada um de nós. Essa percepção pessoal engloba toda a realidade ou toda nossa maneira de ver e sentir o mundo – só essa realidade, única pra nós, nos interessa. Além da nossa percepção pessoal da realidade podemos incluir a imagem que nós temos de nós mesmos, ou seja, incluir nossa própria auto-estima. Nossa auto-estima, por exemplo, pode ser representada mais negativamente ou mais positivamente, de acordo com a visão de mundo de cada um, sendo que algumas pessoas se vêem ótimas e outras se vêem péssimas. Assim sendo, a idéia que nós temos de nós mesmos pode ser um estímulo para o pessimismo, além de representar uma idéia ruim e que nos perturba constantemente. Tal imagem que cada um tem de si mesmo é, em grande parte, reflexo daquilo que os outros pensam sobre nós; ou melhor, a imagem que cada um tem de si mesmo é em grande parte o que queremos que os outros pensem sobre nós. Não podemos esquecer-nos, além disso, de que a imagem que alguém tem de si mesmo é um componente da sua personalidade, e que regula em boa parte o acesso ao seu otimismo e em muitos casos, não só permite o acesso como também o cria.

É por causa da ansiedade que as reações pessimistas têm sido constante e, às vezes, torna-se até patológica, pois segundo os médicos a insistente presença de pensamentos

pessimistas baixa as defesas do organismo, deixando-nos mais vulneráveis a doenças como a depressão. Dessa forma, existem indícios claros de que a predisposição que pode levar a depressão está a aumentar de modo preocupante na sociedade. A tendência patológica para a autocompaixão, o abatimento, a melancolia e principalmente a insatisfação pessoal aparecem cada vez com maior frequência nos dias de hoje. A depressão pode ter uma origem parcialmente genética, embora, em muitos casos seja causada por hábitos mentais pessimistas que quando se dão, predisõem quem sofre deles a sentir-se abatido ante os pequenos contratempos da vida – problemas escolares, falta de entendimento com os pais, dificuldades nas suas relações sociais etc. O que resulta mais revelador é que muitas das pessoas com tendência para a depressão estejam profundamente dominadas por hábitos mentais pessimistas antes de cair nela, e isso faz pensar que lutar contra esses hábitos será inútil. Todos nós sofremos de fracassos que momentaneamente nos remete a uma situação de impotência ou desmoralização, e assim, algumas pessoas saem prontamente dessa situação, enquanto outras ficam fechadas, tornando-se os já citados pessimistas sociais. Isso acontece porque cada pessoa tem uma maneira para encarar e explicar os acontecimentos que os afetam e os levam a se tornarem pessimistas. O pessimista social tende a explicar os insucessos com razões de tipo pessoal, tais como; é culpa minha, com caráter permanente; há de ser sempre tudo assim, e projetando de forma expansiva sobre o futuro – isso irá arruinar a vida completamente. Com essa atitude, a sensação de fracasso já não é algo do passado ou do presente, mas converte-se numa negra antecipação do futuro – tudo vai ser assim, por minha culpa e para sempre. Já as pessoas otimistas são totalmente opostas a coisas que não dependem delas, e acreditam que as más situações não vão durar sempre nem ocuparão toda a vida, apenas uma pequena parte dela.

Dessa forma o pessimismo social é levado para a análise, a crítica e até a interpretação de determinadas obras, em função do perfil de certos autores como se destaca neste aspecto o

poeta Cruz e Sousa. Sendo assim, o leitor desavisado leva por muitas vezes para o texto especialmente para poética de Cruz e Sousa um determinado juízo de valor levando em conta aspectos meramente sociais da vida do poeta esquecendo-se do mais importante a apreciação da arte. Acontece que Cruz e Sousa é um poeta muito bom para que sua obra se encaixe nesses reducionismos do cotidiano. E para se desprender de tais pensamentos é necessário que o leitor leia, leia muito a obra de Cruz e Sousa para perceber que sua poesia não se restringe ao tom de lamento que querem lhe impingir.

CAPÍTULO III

O PESSIMISMO NA OBRA DE CRUZ E SOUSA

João da Cruz e Sousa teve uma trajetória de contrastes radicais. Embora sua poesia tenha recebido ácidas críticas parnasianas, superou a todas elas. Sua vida foi marcada pelos preconceitos de cor e de classe, inclusive advindos de alguns literatos, mas privou de amizades sinceras, sofreu grandes dificuldades materiais e a tuberculose o matou, vicissitudes, no entanto, que não foram capazes de impor limites à sua obra. Assim, dentre tais críticas não podemos deixar de citar a de José Veríssimo – crítico literário do século XIX chamado de realista por adotar uma postura científica – que não poupou esforços ao criticar Cruz e Sousa. Assim, José Veríssimo começa por analisar a poesia e estilo de arte de Cruz e Sousa, assim como também não podemos deixar de citar que tal crítico acreditava piamente que a poesia de Cruz e Sousa era advinda de sua condição social ou melhor por ser negro. Eis o que diz José Veríssimo:

“Ela (poesia) é o que é, porque ele foi o que foi, **um negro bom, sentimental, ignorante, de uma esquisita sensibilidade, cujos choques com o ambiente social resultaram em poesia.** Nem ele tinha, e ainda bem, nenhuma concepção teórica da sua arte, nenhuma estética a comunicar, nem sequer, creio eu, consciência do seu estro. Se alguma vez pretendeu o contrário, podemos acreditar com segurança que foram os seus amigos, menos discretos, que lhe insuflaram ou lhe emprestaram vaidades de esteta, que a sua obra e a sua pessoa desmentiam. E com isto lhe fizeram grande desserviço.”⁵ [Grifo nosso]

E continua o crítico a destilar toda sua “ira” sobre a poesia de Cruz e Sousa e insensível à hipótese de haver um grande artista negro assim prossegue a crítica:

“Se a poesia, como toda a arte, tende ao absoluto, ao vago, ao indefinido, ao menos das comoções que há de produzir em nós, quase estou em dizer que Cruz e Sousa foi um grande poeta, e os dons de expressão que faltam evidentemente ao seu estro, os dons de clara expressão, à moda clássica, os supriu o sentimento recôndito, aflito, doloroso, sopitado, e por isso mesmo trágico, das suas aspirações de sonhador e **da sua mesquinha condição de negro, de desgraçado, de miserável, de desprezado.**”⁶ [Grifo nosso]

⁵ Veríssimo. *Estudos de Literatura Brasileira*, página 101.

⁶ Veríssimo, op.cit., página 100.

Desde de jovem suas qualidades foram reconhecidas, primeiro pelo círculo mais restrito de companheiros e, com o tempo, pelo mundo literário de um modo geral. E até por José Veríssimo que tanto criticou a obra do poeta Cruz e Sousa acabou por reconhecer – embora com pouco entusiasmo – seu trabalho gerando até controvérsias e assim expõe Veríssimo:

“É desse conflito pungente para uma alma sensibilíssima como a sua, e que humilde de condição se fez soberba altiva para defender-se dos desprezos do mundo e das próprias humilhações, que nasce a espécie de alucinação da sua poesia, e que faz desta uma flor singular, de rara distinção e colorido, de perfume extravagante mas delicioso, no jardim da nossa poesia. É o que me leva a confessar, e faço com íntimo prazer, como o soneto *Assim seja*:

Fecha os olhos e morre calmamente!
Morre sereno do Dever cumprido!
Nem o mais leve, nem um só gemido
traía, sequer, o teu Sentir latente.

Morre com a alma leal, clarividente,
da Crença errando no Vergel florido
e o Pensamento pelos céus brandido
como um gládio soberbo e refulgente.

Vai abrindo sacrário por sacrário
do teu Sonho no templo imaginário
na hora glacial da negra Morte imensa...

Morre com o teu Dever! Na alta confiança
de quem triunfou e sabe que descansa.
desdenhando de toda a Recompensa!⁷

Seu trabalho só recebeu acolhida na imprensa postumamente e foi apresentado individualmente ou em antologia. Publicada sua obra em Paris, capital cultural do mundo na entrada do século XX, teve os méritos reconhecidos pelo poetas franceses. Apesar de ter nascido em “berço de ouro”, sob a proteção de um nobre Marechal, na encantadora cidade de Desterro – atual Florianópolis – a vida lhe foi curta e atribulada. Embora tenha morrido na plenitude de sua vida, foi mesmo assim, nosso Cruz e Sousa capaz de criar obra poética suficientemente grande, que surgiu triunfante entre as outras grandes obras do seu tempo.

⁷ Veríssimo. *Estudos de Literatura Brasileira*, página 100.

Cruz e Sousa foi poeta de temática universal. Teve dores pessoais; sobre estas não chorou como faz uma notável quantidade de poetas. Foi um ser que viveu para a poesia e corporificou sua existência em poemas mesmo sofrendo asfixia por partes dos parnasianos e como verdadeiro fanático pela arte consagrou sua existência no empenho pela realização poética. Cruz e Sousa enfrentou na carne o desgosto de ser desprezado, incompreendido e a oposição à sua estética baseada no pessimismo. Ultrapassando os parnasianos foi o poeta ainda ser um simbolista, explorando o poder dos símbolos, a força das analogias, as sugestões poderosas que pudessem conduzir mais além. Já antes de praticá-lo, é possível que o poeta tivesse conhecimento do Simbolismo dos “decadentes” – assim chamados os precursores do simbolismo na França. Entretanto, mesmo diante de tantos insucessos e oposições não hesitou nunca e “entre raios, pedradas e metralhas ficou gemendo, mas ficou sonhando” assim, como diz *Triunfo Supremo*:

Quem andou pelas lágrimas perdido,
Sonâmbulo dos trágicos glagelos
É quem deixou para sempre esquecido
O mundo e os fúteis oupéis mais belos.

É quem ficou no mundo redimido,
Expurgado dos vícios mais singelos
E disse a tudo o adeus indefinido
E desprende-se dos carnais anelos!

É quem entrou por todas as batalhas
As mãos e os pés e o flanco ensangüentado,
Amortalhado em todas as mortalhas

Quem florestas e mares foi rasgando
E entre raios pedradas e metralhas,
Ficou gemendo mas ficou sonhando!

Cruz e Sousa julga permanecer rasgando florestas e mares e assim, o mesmo conceito da vida se expressa de outro modo, quando diz que o ser se transforma e se sobrepõe sobre as

próprias dores canta por entre as águas do Dilúvio como veremos a seguir em *Sorriso Interior* de *Últimos Sonetos*.

O ser que é ser e que jamais vacila,
Nas guerras imortais entra sem susto,
Leva consigo esse brasão augusto
Do grande amos, da nobre fé tranqüila

Os abismos carnaís da triste argila
Ele os vence sem ânsias e sem custo...
Fica sereno, num sorriso justo,
Enquanto tudo em derredor oscila.

Ondas interiores de grandeza
Dão-lhe essa glória em frente à Natureza
Esse esplendor, todo esse largo eflúvio.

O ser que é ser transforma tudo em flores...
E para ironizar as próprias dores
Canta por entre as águas do Dilúvio!

Se em vida lutou contra a pobreza, a miséria, a doença e o preconceito, tudo sacrificando pela criação estética e esquecendo-se de tais contingências sociais, sua obra foi construída com o sacrifício da dedicação total e sob a angústia da imposição da estética predominante – parnasianismo – de sua época, nunca satisfeito e sempre a exigir mais de si como poeta, sua obra corporificou o que de mais admirável, sólido e denso pôde criar o seu espírito – a sua poesia – pois Cruz e Sousa era obcecado por uma causa enraizada em convicção profunda.

Dessa forma, o que este capítulo propõe não é negar a existência do pessimismo na obra de Cruz e Sousa e sim mostrar, ao contrário do que muitos interpretam – que sua obra é constituída a partir de aspectos sociais e principalmente pelo preconceito sofrido pelo poeta – não foi Cruz e Sousa um pessimista social que para fugir às contingências de sua amargura social colocava-se a escrever seus sonetos, embora, em seus versos tenha deixado transparecer a preocupação social, tais preocupações que fundiam-se à dor universal humana, conferindo à

sua obra um tom filosófico que reflete a angústia, o pessimismo e o tédio. Sendo assim, por fazer uma arte fundada no pessimismo, Cruz e Sousa não se deixa abater e prossegue enfrentando as adversidades e ampliando sua obra. Dessa maneira, não pretendemos entrar no mérito de evasão aos problemas sociais enfrentados pelo poeta, porém mostrar como trabalhou o pessimismo como forma de arte.

Assim, apesar de tantos empecilhos e dissabores, Cruz e Sousa soube aproveitar algumas chances oferecidas pelo destino. Como a decisão que tomou de seguir uma companhia de teatro em suas apresentações pelo Brasil – tinha que partir ainda que fosse de passagem, pois a vida social começava a exigir-lhe adaptações. Dessa maneira de agir nos mostra que o poeta não ficou inerte perante às oportunidades que lhe apareciam – diferentemente do que tratamos no capítulo II, onde o pessimista social deixa de ir em busca de novas oportunidades por temer e até mesmo antecipar o resultado que na sua visão é sempre o insucesso. O contrário fez Cruz e Sousa mesmo não tendo a estabilidade e a certeza de ser um emprego fixo foi em busca da oportunidade e mesmo assim muitos o julgaram ser pessimista por expor de forma poética as contingências sociais que lhe afligiram. Assim, foi Cruz um acrobata, um *Acrobata da Dor* como veremos a seguir no poema que nos remete a imagens teatrais:

Gargalha, ri, num riso de tormenta,
Como um palhaço, que desengonçado,
Nervoso, ri, num riso absurdo, inflado
De uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,
Agita os guizos, e convulsionados
Salta, gavroche, salta clown, varado
Pelo estertor dessa agonia lenta...

Pedem-te bis e um bis não se despreza!
Vamos! Retesa os músculos, retesa
Nessas macabras piruetas d' aço...

E embora caias sobre o chão, fremente,
Afogado em teu sangue estuoso e quente,
Ri! Coração, tristíssimo palhaço.

Com isso o que queremos mostrar é que a poesia de Cruz e Sousa é a contemplação da dor em forma de arte, como um destino a enfrentar e viver, com a previsão final do dever cumprido e da liberação do seu espírito do material. Dessa forma em *Emparedado* Cruz e Sousa transcende a dor explicitando da seguinte maneira:

“Ah! Benditos os Reveladores da Dor infinita! Ah! Soberanos e invulneráveis aqueles que, na Arte, nesse extremo requinte de volúpia sabem transcender a Dor, tirar da Dor a grande Significação eloqüente e não amesquinhá-la e desvirginá-la.”⁸

A dor assim entendida é a tensão do espírito em marcha evolutiva em transcendentalização a ser concluída no momento da morte, quando o espírito se liberta dos aspectos materiais, sendo a obra de Cruz e Sousa puramente de um pessimismo estético. Em “*Caminho da Glória*” – *Últimos Sonetos* – e “*Oração ao Sol*” – Missal –, por exemplo, podemos observar um Cruz e Sousa otimista em uma luta que admite a vitória final, pode-se observar a dor, mas também a alegria e a glória do espírito, de comungar com o eterno e heroicamente sobrevoar os abismos e as sombras da pobre terrealidade. Eis os textos:

Caminho da Glória

Este caminho é cor- de- rosa e é de ouro,
Estranhos roseirais nele florescem,
Folhas augustas, nobres reverdecem
De acanto, mirto e sempiterno louro.

Neste caminho encontra-se o tesouro
Pelo qual tantas almas estremeçam;
É por aqui que tantas almas descem
Ao divino e fremente sorvedouro.

É por aqui que passam meditando,

⁸ Sousa, João Cruz. *Emparedado*. Disponível em: < <http://www.cbj.g12.br/Cruz/emparedado.html> >. Acesso em: nov, 2005.

Que cruzam, descem, trêmulos, sonhando,
Neste celeste, límpido caminho

Os seres virginais que vêm da Terra,
Ensangüentados da tremenda guerra,
Embebedados do sinistro vinho.

Oração ao Sol

Sol, rei astral, deus dos sidérios Azues, que fazes cantar de luz os prados verdes, cantar as águas! Sol imortal, pagão, que simbolizas a Vida, a Fecundidade! Luminoso sangue original que alimentas o pulmão da Terra, o seio virgem da Natureza! Lá do alto zimbório catedralesco de onde refulges e triunfas, ouve esta Oração que te consagro neste branco Missal da excelsa Religião da Arte, esmaltado no marfim ebúrneo das iluminuras do Pensamento.

Permite-me que um instante repouse na calma das Idéias, concentre culturalmente o Espírito, como no recolhido silêncio das igrejas góticas, e deixe lá fora, no rumor do mundo, o tropel infernal dos homens ferozmente rugindo e bramando sob a cerrada metralha acesa das formidandas paixões sangrentas.

Concede, Sol, que os manipanços não possam grotescamente, chatos e rombos, com grimaces e gestos ignóbeis, imperar sobre mim; e que nem mesmo os Papas, que têm à cabeça as veneráveis orelhas e os chavelhos da Infalibilidade, para aqui não venham com solene aspecto abençoador babar sobre estas páginas os clássicos latins pulverulentos, as teorias abstrusas, as regras fósseis, os princípios batráquios, as leis de Crítica-megatério.

E faz igualmente, Sultão dos espaços, com que os argumentos duros, broncos, tortos, não sejam arremessados à larga contra o meu cérebro como incisivas pedradas fortes.

Livra-me tu, Luz eterna, desses argumentos coléricos, atrabiliários, como que feitos à maneira das armas bárbaras, terríveis, para matar javalis e leões nas selvas africanas.

Dá que eu não ouça jamais, nunca mais! A miraculosa caixa de música dos discursos formidáveis! E que eu ria, ria – ria simbolicamente, infinitamente, até o riso alastrar, derramar-se, dispersar-se enfim pelo Universo e subir, aos fluidos do ar, para lá no foco enorme onde vives, Astro, onde ardes, Sol, dando então assim mais brilho à tua chama, mais intensidade ao teu clarão.

Pelo cintilar de teus raios pelas ondas fulvas, flavas, ó Espírito da Irradiação! Pelos empurpamentos das auroras, pela clorose virgem das estepes da Lua, pela clara serenidade das Estrelas, brancas e castas noviças geradas do teu fulgor, faculta-se a Graça real, o magnificente poder de rir – rir e amar, perpetuamente rir... perpetuamente amar...

Ó radiante orientalista do firmamento! Supremo artista grego das formas indeléveis e prefulgentes da Luz! pelo exotismo asiático desses deslumbramentos, pelos majestosos cerimoniais da basílica celeste a que tu presides, que esta Oração vá, suba e penetre os etéreos passos esplendorosos e lá para sempre viver, se eternize através das forças firmes, num álaque, cantante, de clarim proclamador e guerreiro.

Aqui Cruz e Sousa tem o entusiasmo de quem possui uma intuição nova e grande sobre a realidade geral, além de fazer referência simbolicamente aos “Papas” do parnasianismo.

O objeto da arte é uma das preocupações de Cruz e Sousa e para ele a arte tem por objetivo revelar algo mais, que está oculto e transcendente nas coisas. Um espírito de esforço constante de aperfeiçoamento e superação da matéria – pessimismo social – até liberar-se definitivamente dela e de todo ficar purificado dessa forma, passa a matéria a não mais se consolidar com a alma, como se os dois elementos se reduzissem a um só elemento. A matéria seria um cárcere da alma que ainda não atingiu a transcendentalização. Dessa forma, cabendo aqui explicitarmos com *Cárceres das Almas*:

Ah! Toda a Alma num cárcere anda presa,
soluçando nas trevas, entre as grades
do calabouço olhando imensidades,
mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza
quando a alma entre grilhões as liberdades
sonha e sonhando, as imortalidades
rasga no etéreo Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas
nas prisões colossais e abandonadas,
da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,
que chaveiro do Céu possui as chaves
para abrir-vos as portas do Mistério?!

O pensamento de Cruz e Sousa tem afinidades com o universalismo de Schopenhauer – filósofo pessimista – tanto Cruz e Sousa e Schopenhauer não são pessimistas sociais, pelo contrário, ambos têm o impulso da vontade valente de querer como um Nietzsche. Os ecos da filosofia de Schopenhauer podiam até continuar na alma de Cruz e Sousa, todavia repensados e sublimados no otimismo da vitória final do espírito e não da matéria. Tendo o pensamento de Cruz e Sousa afinidades com o pessimismo de Schopenhauer, onde a aspiração ou vontade de querer, é um processo doloroso, assim acontece que há uma dor universal de que os

acontecimentos da vida não são mais que manifestações da vontade de se expressar, sendo o pessimismo de Cruz e Sousa menos profundo e dessa forma, discorda do pensamento de Schopenhauer enquanto deixa o seu pessimismo para entender a dor à maneira de um esforço de luta, capaz de purificar a alma e a conduzir a um bom fim. Dessa forma, a inspiração de Cruz e Sousa nasce de um fundo alógico, não de um pessimismo o qual chamamos de social.

Toda vida de João da Cruz e Sousa foi permeada por uma discriminação e rebaixamento até o modo afetivo como alguns de seus “amigos” a ele se referiam como – O Poeta Negro, parece um estigma, pois ninguém diz “o poeta branco”. No Brasil escravocrata “poeta” e “negro” eram elementos que não combinavam e indicavam uma verdadeira aberração além de causar “repulsa” nos demais escritores. Mas a dor de ser discriminado pode não ser muito diferente da Dor de ser homem. Assim, mesmo sendo poeta não esqueçamos que também Cruz e Sousa foi homem a qual sofreu e revoltou-se – da mesma forma como qualquer outra pessoa se revoltaria até mesmo “um poeta branco” – revoltou-se, sim, e uma revolta amargurada que o paralizava por algum tempo (quanto?) e suas tenções se deslocavam do exterior, do constrangimento, das amarras sociais para o interior de sua alma presa num cárcere severo. Às vezes era preciso evocar o ódio para suportar a dor e livrar-se do pessimismo social e tal livramento dava-se por meio de seus poemas como *Ódio Sagrado* de

Últimos Sonetos:

Ó meu ódio, meu ódio majestoso,
Meu ódio santo e puro e benfazejo,
Unge-me a fronte com teu grande beijo,
Torna-me humilde e torna-me orgulhoso.

Humilde, com os humildes generoso,
Orgulhoso com os seres sem Desejo,
Sem Bondade, sem Fé e sem lampejo
De sol fecundador e carinhoso.

Ó meu ódio, meu lábaro bendito,
Da minh'alma agitado no infinito,

Através de outros lábaros sagrados.

Ódio são, ódio bom! sê meu escudo
Contra os vilões do Amor, que infamam tudo,
Das sete torres dos mortais Pecados!

Assim, muitas vezes o poeta precisara de um escudo para defender-se das críticas e para tal defesa podia ser o ódio, assim como também poderia ser a crença em si mesmo, na própria sensibilidade superior, podia ser a dor. Dessa forma, tinha desdém pelos chamados “detentores” do poder e do saber e desprezo pela mediocridade dos ditadores de regras; esse escudo era a Arte era seu pessimismo estético, esse Broquel, esses Broquéis.

E dessa forma Cruz e Sousa tratou da dor e dos problemas sociais como situação universal, que atinge a todos os seres, “emparedando”-os inexoravelmente. Assim, *Emparedado*, um dos mais apreciáveis textos de *Evocações* é luta existencial do homem contra o impossível. A prosa poética é imponente e vigorosa. Cruz e Sousa “invade o texto”, apresentando uma visão de si mesmo, como homem, sobretudo como homem da África, homem de arte, homem de espírito, homem de grande ideal, homem-humanidade e por todos os lados subindo mais alto que sua feroz vontade de querer ser, por isso existencialmente reduzido a um ser emparedado. Nesta meditação extraordinária, Cruz e Sousa não permite intrusão de aspectos sociais, de sorte a elevar o texto a uma validade universal como pensamento. Temos aqui alguns fragmentos onde principia pela forma evocativa nas caladas da noite:

“Ah! Noite! Feiticeira Noite! Ó Noite misericordiosa, coroada no trono das Constelações pela tiara de prata e diamantes do Luar, Tu, que ressuscitas dos sepulcros solenes do Passado tantas Esperanças, tantas Ilusões, tantas e tamanhas Saudades, ó Noite! Melancólica! Soturna!

Voz triste, recordativamente triste, de tudo o que está morto, acabado, perdido nas correntes eternas dos abismos bramantes do Nada, ó Noite meditativa! Fecunda-me, penetra-me dos fluidos magnéticos do grande Sonho das tuas Solidões panteístas e assinaladas, dá-me as tuas brumas paradisíacas, dá-me os teus cismares de Monja, dá-me as tuas asas reveladoras, dá-me as tuas auréolas tenebrosas, a eloquência de ouro das tuas Estrelas, a profundidade misteriosa

dos teus sugestionadores fantasmas, todos os surdos soluços que rugem e rasgam o majestoso Mediterrâneo dos teus evocativos e pacificadores Silêncios!”⁹

Assim, depois da meditação que envolve temas da arte, escreveu um vigoroso e taxativo texto final, muitas vezes citado, em que ele aparece emparedado, isto é, o negro, que na sociedade vigente não atingia o triunfo. Não somente isto e sim, emparedado como todo o ser humano em meio às limitações ontológicas da vida.

“E, mais pedras, mais pedras se sobreporão às pedras já acumuladas, mais pedras, mais pedras... Pedras destas odiosas, caricatas e fatigantes Civilizações e Sociedades... Mais pedras, mais pedras! E as estranhas paredes hão de subir, — longas, negras, terríficas! Hão de subir, subir, subir mudas, silenciosas, até às Estrelas, deixando-te para sempre perdidamente alucinado e emparedado dentro do teu Sonho...”¹⁰

Aí está um longo documento, preciso e eloqüente, de que Cruz e Sousa sentiu e conceituou seus problemas pessoais, diante às adversidades da vida.

Assim, foi João da Cruz e Sousa um homem negro, numa época mais difícil que a do negro de hoje, superou ao homem comum de seu tempo. Os negros de sua etnia pouco tinham com que ajudá-lo. Teve a sorte de receber a ajuda dos brancos. Bem aproveitou o que recebeu e se tornou o maior poeta simbolista do seu tempo. Se maior não foi, isto se deveu à má sorte do destino, que o levou aos seus 38 anos. Que vitórias não teria tido, se mais vivesse, mas o pouco que viveu foi suficiente pra que a posteridade o inscrevesse no rol dos inesquecíveis. Dessa forma, na condição de introspectivo e de acossado pela má sorte do destino, Cruz e Sousa se encaminhou para a meditação de si mesmo. Sem ocupar-se com os aspectos particularizantes dos acontecimentos, analisa o significado mais geral que eles exercem na vida do homem atribulado e contrariado em seus ideais.

⁹ Sousa, João Cruz. *Emparedado*. Disponível em: < <http://www.cbj.g12.br/Cruz/emparedado.html> >. Acesso em: nov, 2005.

¹⁰ Sousa, João Cruz. *Emparedado*. Disponível em: < <http://www.cbj.g12.br/Cruz/emparedado.html> >. Acesso em: nov, 2005.

Não há quem lendo Cruz e Sousa, não aproveite de suas meditações algo para si mesmo. As vivências quer de sua poesia, quer de sua prosa, desenvolvidas no que têm de valor geral, merecem ser lidas, não só pelo que informam sobre a grandiosa obra Cruz e Sousa, mas sobre o que ensinam a respeito da realidade do indivíduo e da sociedade.

CONCLUSÃO

Concluir um trabalho não é tarefa muito fácil, ainda quando se trata de um assunto tão complexo. As idéias e informações acumuladas ao longo desse período – mesmo que curto – de trabalho contínuo e árduo ainda me confundem a cabeça, mas me trouxeram uma grande satisfação e nunca pensei que acabaria tão envolvida com a poética de Cruz e Sousa, pois sua poesia é um objeto de estudo dos mais ricos e estimulantes, talvez por tratar com as nossas operações mentais de compreensão e assimilação quando lemos sua obra.

Por isso foi escolhido e exposto o pessimismo de sua obra como estilo de arte e assim iniciei a pesquisa a partir do estudo da tragédia grega, pois a tragédia é uma representação, não de homens, mas de ação e vida, de felicidade e infortúnio – e a felicidade e o infortúnio estão relacionados com a ação, ou seja, a tragédia é uma forma de representação artística assim como o pessimismo na obra de Cruz e Sousa. Iniciei os estudos pela tragédia para entender a razão pela qual os gregos a criaram e de longe comecei a entender todos os mistérios que a envolviam e encontrei em Nietzsche as respostas para tais mistérios e como o grego logrou suportar sua existência, pois estavam acossados pelo sofrimento, horror, sendo assim, ao pessimismo. O grego vence o pessimismo transformando-o em arte – a tragédia – A finalidade da arte é proporcionar uma espécie de consolo metafísico. Ela é afirmação da vida perante a crueldade e o horror – pessimismo – nisso consiste sua grandeza colocando-se desta forma para além do bem e do mal.

Além da tragédia grega foi necessário estudar o pessimismo não somente como estilo de arte, mas como é conhecido pela sociedade sob um aspecto de negatividade, de negação à vida ou melhor, sob o aspecto social surgindo então o que podemos chamar de “pessimismo social”. No mundo atribulado de hoje, as divergências religiosas, culturais e principalmente sociais neutralizam a capacidade de convivência pacífica do homem e ao mesmo tempo elevam-no a uma ansiedade em busca de adaptações sociais para sua sobrevivência. O ser

humano sustenta uma necessidade desenfreada de acúmulo de poder, dinheiro e posição social; é o jogo da sobrevivência onde todos tentam se adaptar às exigências impostas pela sociedade surgindo assim o que chamamos de “pessimismo social”.

Foi por este motivo que apresentei o pessimismo na poesia de João da Cruz e Sousa como instrumento de reflexão e de arte, pois custa-me entender por qual razão “os estudiosos de literatura” insistem em dizer que a poesia do “poeta maldito” advém puramente de questões raciais e sociais. Eles querem porque querem ver em sua estética uma ética de defesa, uma tradução de suas "condições", uma vitimização recheada de crítica social, pois tive a infelicidade de encontrar na maioria dos livros pesquisados tais declarações.

Quanta pobreza de espírito e falta de percepção! Entender a obra de Cruz e Sousa apenas por um viés social dado mais por um pessimismo social. Para que tanta mobilização em torno da situação precária de um poeta tão extraordinário e esquecer sua obra grandiosa?

A poesia de Cruz e Sousa vai muito além disso, pois é uma poesia que exercita um peculiar olhar sobre a existência que para ele é presenteada pela dor. Seus versos denotam uma dimensão excêntrica para a dor que escapa à morbidez do pessimismo social vislumbrada numa primeira leitura por muitos que enxergam somente o superficial. Percebe-se que o poeta, apesar dos traços que pode aproximá-lo da filosofia de Schopenhauer, em determinados momentos acena para a alegria afirmativa nietzschiana ao bendizer a vida em todas as suas nuances, como expressa nos seguintes versos de *Visão*:

“Seja bendito esse clarão eterno/ De sol, de sangue, de veneno e inferno/ De guerra e amor e ocasos de saudade”. A poesia de Cruz e Sousa é sua voz desprovida de signos que possam efetivamente definir sua amplitude é menos descritiva, mais sugestiva; menos pictórica mais musical; menos referencial e mais indireta, ou seja, mais simbólica.

O caminho da poesia de João da Cruz e Sousa revela um mundo que escapa às formas de convencionais de sua época – parnasianismo – e por isso foi duramente criticado. Assim,

imaginam os “sábios” da época que a dor que Cruz e Sousa mencionava em sua poesia era unicamente a dor de ser pobre (social) e não uma dor provocada pela queda dos seus ideários sobre sua poesia. Cruz e Sousa tinha a capacidade de transformar o sofrimento em Arte; de abandonar os aspectos sociais que lhe afligiam sublimando a dor em poesia, em arte e assim transcendentalizar a dor.

Daí talvez tivesse vindo que Cruz e Sousa fosse “maldito”, no sentido de ser marginalizado e discriminado pela raça ou pela poesia. E daí que tenha tido de suportar críticas e sátiras, por parte de quem analisou sua obra protegido pelo preconceito racial e literário. E daí que não tenha passado nem perto da Academia Brasileira de Letras – recém fundada em 1896 – Mesmo assim a rejeição nos meios literários alimentou sua mágoa, que alimentou seus versos sendo assim, a mágoa se destila, vira matéria prima da poesia e a experiência concreta articula-se com o cotidiano e converte-se em poesia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Arte Poética e Arte Retórica*. Tradução: Antônio Pinto de Carvalho. Edições de Ouro, Rio de Janeiro, s/d.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Vozes, 11ª edição, São Paulo, s/d.
- CRUZ E SOUSA, João da. *Obras Completas*. Anuário do Brasil, Rio de Janeiro, 1923.
- _____ *Emparedado*. In: *Evocações*. Tipografia Aldina, Rio de Janeiro, 1898.
- GERALDO, José. *Cem anos com Cruz e Sousa*. L.G.E, 2ª ed.- Brasília, 1998.
- JAEGER, Werner. *Paidéia: A formação do Homem Grego*. Tradutor: Artur M. Parreira. Martins Fontes, São Paulo, 1996.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de Metodologia Científica*. Atlas, São Paulo, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Tradutor: J. Guinsburg. Companhia das Letras, São Paulo, 2000.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como Vontade e Representação*. Tradutor: M.F. Sá Correia. Contraponto, Rio de Janeiro, 2001.
- VERÍSSIMO, José. *Estudos de Literatura Brasileira 6ª série*. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.